



COLÔMBIA

Aliado de Donald Trump, o ultradireitista Abelardo de la Espriella toma posse como o 61º presidente do país com a expectativa de retomar parceria em segurança com a Casa Branca. No discurso, anuncia repressão a grupos armados

Braços abertos aos EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

Horas antes de tomar posse, o presidente eleito da Colômbia, Abelardo de la Espriella, enviou uma mensagem ao país por meio da rede social X. “Agora, só me resta trabalhar sem descanso, servir à nação e honrar a confiança depositada pelo povo em mim, como o fizeram Cincinato, Círo e o rei Davi quando assumiram o dever de conduzir seu povo”, escreveu, citando, respectivamente, um estadista da Roma Antiga, um conquistador persa e um soberano do Reino Unificado de Israel. O ultradireitista de 48 anos que adotou o apelido de “El Tigre” governará até 7 de agosto de 2030 de olho na Colômbia, mast também de braços abertos aos EUA.

Alçado à Casa de Nariño — a sede do Executivo, em Bogotá — com a ajuda de Donald Trump, De la Espriella promete uma versão 2.0 do Plano Colômbia, impulsionado por Andrés Pastrana e por Bill Clinton, em 2000, e levado às últimas consequências por Álvaro Uribe (2002-2010), muito aplaudido na posse.

Pouco depois das 12h30 pelo horário local (14h30 em Brasília), o presidente Gustavo Petro deixou a Casa de Nariño sob honras militares e fez um discurso aos colombianos. “O mandato popular é respeitado, e isso se aplica aos 11,5 milhões de eleitores que decidiram votar em mim como maioria nacional”, declarou. De la Espriella prestou juramento às 16h30 (hora local) e ficou visivelmente emocionado ao receber a faixa presidencial, em Cáli, das mãos de Honório Enríquez, presidente do Senado. O

Personalidades e líderes presentes

Entre as personalidades e governantes que compareceram à posse de Abelardo de la Espriella, estavam o presidente da Fifa, Gianni Infantino; os presidentes Javier Milei (Argentina), Jose Antonio Kast (Chile), Daniel Noboa (Equador) e Luis Abinader (República Dominicana); e o rei Felipe VI da Espanha. Também estiveram presentes Álvaro Uribe, Iván Duque e Andrés Pastrana, três ex-chefes de Estado colombianos.

novo presidente cerrou os punhos e apontou para o público presidente no evento.

Em seu discurso, De la Espriella saudou a nação: “Bem-vindos a encerrar um longo capítulo de resignação nacional”. “Desde Cáli, envio uma mensagem firme ao povo colombiano: começou o tempo da recuperação da ordem, da auto-riedade e da liberdade”, avisou.

De la Espriella pregou o respeito à democracia “em todas as circunstâncias” — um recado a Petro. “O governo do ‘Tigre’ respeitá todas as regras da democracia”, prometeu. O presidente lembrou que, durante o governo de Álvaro Uribe, o governo “enfrentou com firmeza o terrorismo”. “Reafirmo minha intenção de derrotar, sem trégua, o narcotráfico e todas

Luis Acosta/AFP



De la Espriella (C) acena ao lado do líder do Senado, Honorio Henriquez (D), após juramento, em Cáli

as organizações criminosas que ameaçam a liberdade”, destacou. O ultraconservador garantiu que o combate ao cultivo de coca será prioridade.

Reunião

Antes da juramentação, ministros de De la Espriella reuniram-se com uma delegação dos Estados Unidos liderada pelo procurador-geral interno, Todd Blanche. Também marcaram presença autoridades dos Departamentos de Estado, de Guerra e

de Justiça, além do DEA, a agência de repressão a drogas de Washington.

O jornal *The New York Times* divulgou que, após uma viagem de integrantes do novo governo colombiano à capital americana, no mês passado, uma autoridade do governo Trump anunciou uma parceria militar baseada em uma “aliança histórica em vários níveis”. O próprio De la Espriella escolheu a cidade de Medellín como um “hub” do “Escudo das Américas”, uma frente regional de combate ao narcotráfico.

Em entrevista ao **Correio**, Gi-mena Sánchez-Garzoli — diretora para os Andes do WOLA (Escritório de Washington para Assuntos Latino-Americanos) — afirmou que De la Espriella espera vo na assistência em matéria de segurança a níveis similares aos registrados durante o Plano Colômbia. “Esse financiamento deve ser aprovado pelo Congresso americano, e duvido da vontade política. O que poderia acontecer é um aumento no apoio em inteligência,

treinamento, assistência técnica e uso de helicópteros, entre outras coisas”, disse.

A especialista prevê uma estratégia de segurança centrada em uma posta linha-dura. “O novo presidente buscará dismantelar a política de ‘Paz Total’ de Petro; fortalecer as forças de segurança; intensificar as operações militares contra grupos armados e organizações criminosas; e reformar o sistema prisional”, observou Sánchez-Garzoli.

Segundo ela, De la Espriella deu a todos os grupos armados um prazo de 30 dias para se renderem à Justiça. “Ele prevê a criação de uma força-tarefa especial e um bloco de segurança urbana nas principais cidades da Colômbia. Por sua vez, os EUA esperam que De la Espriella seja um sócio ativo no ‘Escudo das Américas’, que fortaleça os próprios serviços de inteligência e as forças armadas, e que adote medidas energéticas contra os narcotraficantes.”

Professor da Universidad Externado de Colombia, Andrés Macías Tolosa considera previsível um fortalecimento da relação bilateral entre Bogotá e Washington nos setores da segurança e da defesa. “Tudo aponta para um retorno a uma agenda muito mais próxima da que caracterizou as duas primeiras décadas do século 21. Já foram feitos anúncios sobre a entrada da Colômbia na Coalizão contra os Cartéis das Américas, ocorreram reuniões entre a equipe do presidente e o Pentágono”, disse ao **Correio**.

MASSACRE NA TAILÂNDIA

Garoto mata avós e cinco professores

Um adolescente de 14 anos matou os próprios avós, antes de seguir para a escola, na Tailândia, onde tirou a vida de cinco professores. O estudante utilizou uma pistola pertence ao avô e iniciou a matança a cerca de 20km do colégio. Antes de se suicidar, matou uma professora de matemática, uma professora de tailandês, uma orientadora, uma responsável por assuntos estudantis e uma secretária da escola, detalhou a polícia.

O autor dos disparos havia “planejado claramente” o ataque

e tirou a própria vida com a arma, declarou no local dos fatos o primeiro-ministro, Anutin Charnvirakul. Ele o descreveu como um aluno que se encontrava “sob pressão” na escola. Além disso, mais de 30 pessoas ficaram feridas, das quais nove se encontram em estado grave, detalhou.

“Ouvimos muitos tiros, muito altos, porque parecia que o atirador estava justamente no andar de cima. Eu conseguia até ouvir as cápsulas batendo no chão e o barulho do metal”, declarou Pawarisa Maylissa,

uma estudante. “Eu tive medo de morrer e de não realizar meus sonhos”, afirmou em frente à escola Debsirin, na província de Nonthaburi, ao norte de Bangcoc.

Depois da tragédia, os pais correram para o local, a fim de buscar seus filhos, enquanto alunos e funcionários se consolavam do lado de fora. Fotos publicadas pela imprensa local mostram o suspeito vestido com um uniforme escolar roxo e uma bolsa preta a tiracolo, com várias cápsulas de bala visíveis no chão.

“Perturbado”

“Era um garoto perturbado. Meu grupo de amigos dizia que ele se interessava pelo FBI (a polícia federal americana) e por armas, e que muitos outros alunos o assediavam”, contou à agência France-Presse Purin Khumchoo, de 17 anos, depois de ter escapado por pouco das balas. “Quando vi que ele apontava a arma para mim, pensei que parecia muito profissional, como se estivesse treinando havia muito tempo”, acrescentou.

Lillian Suwanrumpha/AFP



Esposa de docente morto é levada à ambulância em Bangcoc

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

A TEMPESTADE VAI SE FORMANDO

Nos meandros da guerra furtiva em andamento no Oriente Médio, sem nenhuma declaração formal e com um amontoado de frentes que se conectam sem laços explícitos e formais, uma iniciativa anunciada ontem se projeta pelas implicações de prazo mais longo. Arábia Saudita, Turquia e Paquistão firmaram um acordo tripartite de assistência militar mútua que, em resumo, compromete a todos com a solidariedade — inclusive bélica — caso algum dos três seja atacado por terceiros.

De imediato, no âmbito do mundo islâmico, o pacto amarra três potências do bloco majoritário sunita — a vertente do islã que predomina entre os fiéis mundo afora. Ademais, isola o Irã, nesse contexto, não apenas como expoente da minoria xiita, mas também como polo não árabe. Turquia e Paquistão compartilham com Teerã esse viés. Mas, em alcance mais longo, colocam em primeiro plano o outro nível de afinidade, até porque, sobretudo no caso paquistanês, vivem tensões interiores relacionados à inquietação de minorias xiitas

que se sentem empoderadas a cada avanço percebido por parte do regime de Teerã.

A composição de múltiplos blocos de alcance local ou regional, associados a conflitos de igual dimensão, foi um dos ingredientes identificados, na abordagem histórica retrospectiva, entre os fatores que conduziram àquelas que, hoje, são referidas e estudadas como as das guerras mundiais do século 20. Outro foi a confluência de conflitos regionais ou localizados que, pelas injunções de interesses globais das potências de “primeira divisão”, se entrelaçam e retroalimentam ao limite da fusão pura e simples.

No cenário que se desenha entre Ucrânia e Oriente Médio, com todas as conexões e variáveis, o horizonte se assemelha ao das tempestades que se formam em alto-mar, com o prognóstico quase inevitável de chuvas, trovoadas e algo mais.

"Quintal" cercado

O avanço impulsionado por Donald

Trump no chamado Hemisfério Ocidental — as Américas, na linguagem diplomática de Washington — corresponde precisamente à doutrina estratégica e de segurança nacional apresentada ao Congresso no fim de 2025. Ela define a China como adversário que ameaça a hegemonia global ensaiada desde o fim da Guerra Fria. E deve ser combatida inicialmente, segundo o documento, na América Latina e Caribe, aquilo que a geopolítica neoimperial dos EUA convencionou chamar de “quintal”.

Nesse terreno, em um ano e meio de mandato, o magnata dos hotéis e cassinos jogou as fichas em derrubar um por um os governos percebidos como reticentes ou hostis. Restam, por aqui, Brasil e Uruguai. Pela ótica de um confronto de escala global em maturação, assegurar a própria “área natural de influência” concebida é o movimento elementar que se espera de uma potência de alcance global.

É nesse plano estratégico que se enquadra a recente articulação de um Escudo das Américas, com 18 nações

latino-americanas e caribenhas. A iniciativa já se desdobrou em um exercício militar aeronaval conjunto e — mais importante — em uma sequência de negociações para a reabertura ou instalação de bases militares estadunidenses na região. Da perspectiva brasileira, com movimentos em vistas na Argentina, Paraguai, Bolívia, Chile, Peru, Equador e Colômbia — sem falar na Venezuela, em regime virtual de protetorado desde o sequestro de Nicolás Maduro —, o cenário se apresenta como um cerco sendo desenhado e estabelecido.

Oriente em disputa

Na metade oposta do globo, é a China que costura, discretamente, a tela para imprimir o próprio projeto de renascimento como potência de envergadura global. A caminho de celebrar os 80 anos, em 2049, o regime comunista de Pequim ajusta a sintonia fina para suas iniciativas geopolíticas. À parte a irresistível ascensão no comércio internacional, os mandarins do novo século traçam planos sem pressa. Costuram há pelo menos duas décadas uma teia de defesa coletiva no palco

euroasiático, consubstanciada na Organização de Cooperação de Xangai.

A direção é a mesma seguida, desde a virada do século, pela Rússia de Vladimir Putin, que encarna em figurino redenhado o personagem milenar dos czares e dos líderes da União Soviética comunista — no último caso, em especial o de Josef Stalin, vencedor da 2ª Guerra Mundial contra a Alemanha hitlerista.

Enrascado na guerra que iniciou em 2022, na Ucrânia, Putin se movimenta na construção de blocos e coalizões que possam recolocar Moscou no centro do tabuleiro geopolítico mundial. Em um e outro extremo desse vasto território, que se estende dos limites da Europa Ocidental até o Pacífico, e do Ártico à Ásia Central, a Rússia herdeira do império czarista também se reconstrói.

Em resumo, nos chamados quatro quadrantes do globo, interesses comuns e contraditórios se coagulam e dão origem ao prelúdio de um sistema de blocos que, entre confrontos e coincidências, movimentam-se nos passos de uma coreografia conhecida pelos que estudam as duas guerras mundiais, assim categorizadas, do século 20.